

A autobiografia da minha mãe

JAMAICA KINCAID

A autobiografia da minha mãe

TRADUÇÃO
Débora Landsberg

ALFAGUARA



Copyright © 2020 by Jamaica Kincaid

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Autobiography of My Mother

Capa e ilustração de capa

Vinicius Theodoro

Leitura sensível

Fernanda Miranda

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Adriana Bairrada

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kincaid, Jamaica

A autobiografia da minha mãe / Jamaica Kincaid ;
tradução Débora Landsberg. — 1ª ed. — Rio de Janeiro :
Alfaguara, 2020.

Título original: The Autobiography of My Mother

ISBN: 978-85-5652-110-1

1. Autobiografia na literatura 2. Ficção guatemalteca
3. Kincaid, Jamaica, 1949 I. Título.

20-42910

CDD-G863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura guatemalteca G863

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

Para Derek Walcott

Minha mãe morreu no momento em que eu nasci, e por isso durante toda a minha vida nunca existiu nada entre mim e a eternidade; às minhas costas, sempre um vento triste, sombrio. No começo da vida eu não tinha como saber que seria assim; soube apenas no meio dela, quando já não era jovem e percebi que tinha menos de algumas coisas que costumava ter em abundância, e mais de outras que antes mal tivera. E essa percepção de perda e ganho me fez olhar para trás e para a frente: no início havia uma mulher cujo rosto eu nunca vira, mas no final não havia nada, ninguém entre mim e o quarto escuro do mundo. Passei a sentir que por toda a vida estive parada à beira do precipício, que minha perda havia me tornado vulnerável, dura e indefesa; ao me dar conta disso fui dominada por tristeza e vergonha e pena de mim mesma.

Quando minha mãe morreu, me deixando uma criancinha vulnerável no mundo, meu pai me pegou e me pôs sob os cuidados da mesma mulher a quem pagava para lavar suas roupas. É possível que ele tenha enfatizado a diferença entre os dois fardos: um era sua filha, não sua única filha no mundo, mas a única que teve com a única mulher com quem se casara até então; o outro eram suas roupas sujas. Ele seria mais delicado ao lidar com um do que com o outro, teria dado ordens mais meticulosas quanto ao cuidado com um do que com o outro, teria esperado mais atenção com um do que com o outro, mas com qual eu não sei, pois ele era um homem muito vaidoso, a aparência lhe importava muito. Que eu era um fardo para ele, eu sei; que suas roupas sujas eram um fardo para ele, eu sei; que ele não sabia como cuidar de mim sozinho, ou como lavar as próprias roupas, eu sei.

Ele vivera em uma casa muito pequena com minha mãe. Era pobre, mas não porque fosse bom; apenas não havia feito ainda coisas

ruins o suficiente para ficar rico. Essa casa ficava em uma colina, e ele a descera equilibrando em uma das mãos a filha, na outra as roupas, e os entregara, fardo e filha, a uma mulher. Ela não era parente dele ou da minha mãe; seu nome era Eunice Paul e ela já tinha seis filhos, o último ainda bebê. Por isso ainda tinha um pouco de leite no peito para me dar, mas na minha boca seu gosto era azedo e eu me recusava a bebê-lo. Ela morava em uma casa distante das outras, e de lá se tinha uma visão extensa do mar e das montanhas, e quando eu estava irritada e não conseguia me consolar, ela me acomodava em pedaços de panos velhos e me colocava à sombra de uma árvore, e diante da vista daquele mar e daquelas montanhas, tão impiedosos, eu me exauria de tanto chorar.

Mãe Eunice não era má: ela me tratava exatamente como tratava os próprios filhos — mas isso não quer dizer que era bondosa com os próprios filhos. Em um lugar desses, a brutalidade é a única herança verdadeira e a crueldade às vezes é a única coisa que sobra. Eu não gostava dela, e sentia falta do rosto que nunca tinha visto; olhava por cima do ombro para ver se alguém estava chegando, como se esperasse que alguém fosse chegar, e Mãe Eunice perguntava o que eu estava procurando, no começo como uma piada, mas, passado um tempo, como eu continuava a fazer aquilo, ela achou que eu via espíritos. Eu não via espírito algum, estava só procurando aquele rosto, o rosto que jamais veria, mesmo se vivesse para sempre.

Nunca passei a amar essa mulher com quem meu pai me deixou, essa mulher que não era má comigo mas não poderia ser bondosa porque não sabia como — e talvez eu não conseguisse amá-la por também não saber como. Ela me alimentava à força com uma peneira, pois eu não bebia seu leite e ainda não tinha dentes; depois que nasceram, a primeira coisa que fiz foi enfiá-los em sua mão enquanto ela me dava comida. Na hora um pequeno som escapou de sua boca, mais de surpresa do que de dor, e ela entendeu o que aquilo significava — meu primeiro gesto de ingratidão — e ficou na defensiva comigo pelo resto do tempo em que convivemos.

Até os quatro anos, eu não falava. Isso não provocou nem um minuto a menos de felicidade em quem quer que fosse; não havia ninguém para se preocupar com isso, de todo modo. Eu sabia que

poderia falar, mas não queria. Via meu pai a cada quinze dias, quando ele ia buscar as roupas limpas. Nunca pensei que ele viesse me visitar; só que vinha buscar as roupas limpas. Quando ele chegava, me levavam para vê-lo e ele me perguntava como eu estava, mas era uma formalidade; ele nunca me tocava ou me olhava nos olhos. O que teria para ver nos meus olhos? Eunice lavava, passava e dobrava suas roupas; elas eram embrulhadas como um presente em duas tiras limpas de nanquim e postas sobre a mesa, a única mesa da casa, à espera de que ele fosse pegá-las. Suas visitas eram bastante regulares, então quando não apareceu eu reparei. E perguntei, “Cadê o meu pai?”.

Eu disse isso em inglês — não no patoá francês ou no patoá inglês, mas em inglês normal —, e essa deveria ter sido a surpresa: não que eu falasse, mas que falasse em inglês, uma língua que nunca ouvira. Mãe Eunice e os filhos falavam a língua de Dominica, o patoá francês, e meu pai, ao falar comigo, também usava essa língua, não por desrespeito, mas porque imaginava que eu não entendesse outra. Mas ninguém percebeu; só se admiraram do fato de que eu finalmente havia falado e questionado a ausência do meu pai. Que as primeiras palavras que falei fossem na língua de um povo de que eu jamais gostaria ou amaria é agora um mistério para mim; tudo na minha vida, bom ou ruim, com que tenho um vínculo indissolúvel é uma fonte de dor.

Eu tinha quatro anos e via o mundo como uma série de linhas suaves que se seguiam, um esboço em carvão; e portanto, quando meu pai ia e buscava as roupas, eu via apenas que ele surgia de repente na trilha que ia da estrada principal à porta da casa em que eu morava e depois, após completar sua missão, desaparecia ao chegar à estrada onde terminava a trilha. Eu não sabia o que havia além da trilha, não sabia se depois de sumir do meu campo de visão ele continuaria a ser meu pai ou se ele se dissolveria em algo totalmente diferente e eu jamais voltaria a vê-lo sob a forma do meu pai. Eu teria aceitado isso. Poderia acreditar que o mundo era assim. Eu não falava e não falaria.

Um dia, sem querer, quebrei um prato, o único prato daquele tipo que Eunice teve na vida, um prato feito de porcelana de ossos, e as palavras “me desculpe” se recusaram a passar pelos meus lábios.

A tristeza que ela exprimiu diante dessa perda me fascinou; era tão carregada de luto, tão esmagadora, tão intensa, como se tivesse acontecido a morte de um ente querido. Ela agarrou a bolsa densa que era sua barriga, puxou os cabelos, socou o peito; lágrimas grossas rolaram de seus olhos e pelas bochechas, e vinham com tamanha abundância que se uma nova fonte de água tivesse surgido deles, como num mito ou num conto de fadas, meu pequeno eu não ficaria surpreso. Ela havia me prevenido repetidas vezes que não encostasse no prato, pois já tinha me visto olhando-o com uma curiosidade obsessiva. Eu olhava para ele e me admirava do retrato pintado na superfície, um retrato de um campo aberto cheio de grama e flores em tons muito suaves de amarelo, rosa, azul e verde; o céu tinha um sol que brilhava mas não ardia; as nuvens eram ralas e esparsas como um adorno, não compactas e amontoadas, não prenúncios de desgraças. Esse retrato nada mais era do que um campo cheio de grama e flores em um dia ensolarado, mas tinha uma atmosfera de abundância secreta, de felicidade e tranquilidade; abaixo dele estava escrita, em letras douradas, a palavra PARAÍSO. Claro que não era um retrato do paraíso, de forma alguma: era um retrato idealizado do interior da Inglaterra, mas eu não sabia, não sabia nem que existia uma coisa como o interior da Inglaterra. Nem Eunice sabia; achava que o retrato era uma imagem do paraíso, oferecendo, como de fato oferecia, a promessa secreta de uma vida sem preocupações ou sofrimento ou escassez.

Quando quebrei o prato de porcelana em que esse retrato estava pintado e fiz Mãe Eunice chorar muito, não me senti mal de imediato, não me senti mal pouco depois, só me senti mal passado bastante tempo, e a essa altura já era tarde demais para lhe dizer, ela havia morrido; talvez tenha ido para o paraíso e ele tenha cumprido a promessa daquele prato. Quando quebrei o prato e me neguei a pedir desculpas, ela amaldiçoou minha finada mãe, amaldiçoou meu pai, me amaldiçoou. As palavras que usou nada significaram: eu as entendi, mas não me magoaram, porque eu não a amava. E ela não me amava. Ela fez com que eu me ajoelhasse num montinho de pedras, em um lugar onde o sol batia o dia inteiro, com as mãos levantadas acima da cabeça e uma pedra grande em cada mão. Ela pretendia me deixar nessa posição até que eu dissesse as palavras “me desculpe”, mas

eu não as dizia, não conseguia dizê-las. Estava além da minha própria vontade; aquelas palavras não atravessavam meus lábios. Continuei daquele jeito até ela se exaurir de tanto me amaldiçoar e a tudo que se relacionava a minha origem.

Por que esse castigo me marcou tanto, carregado como era de todos os aspectos da relação entre captor e cativo, senhor e escravo, com sua dimensão do grande e do pequeno, do poderoso e do impotente, do forte e do fraco, e num pano de fundo de terra, mar e céu, e Eunice me olhando de cima, se metamorfoseando em uma sucessão de coisas furiosas e não humanas a cada sílaba que cruzava seus lábios — com seu vestido de algodão fino e mal urdido, o corpete de cor e estampa diferentes da saia, o cabelo despenteado, há muitos meses sem ser lavado, enrolado em um retalho de pano velho que não era lavado fazia mais tempo que o cabelo? O vestido mais uma vez — um dia fora novo e limpo, e a terra o deixara velho, mas a terra o deixara novo outra vez lhe dando tons que não tinha antes, e a terra por fim o faria se desintegrar por completo, embora ela não fosse uma mulher suja, ela lavava os pés todas as noites.

O dia estava claro, não era época de chuva, homens estavam no mar lançando redes para pescar, mas não pegavam muitos peixes porque era um dia claro; e três dos filhos dela estavam comendo pão e enrolaram o miolo como se fossem pedras e o atiraram em mim enquanto estava ajoelhada ali, e riram; e o céu estava sem nenhuma nuvem e não havia uma brisa sequer; uma mosca zanzava perto do meu rosto, às vezes pousando no canto da boca; uma fruta-pão madura demais caiu da árvore, e o som foi como o de um punho encontrando a parte macia, carnuda de um corpo. Tudo isso, de tudo isso consigo me lembrar — por que me marcou de forma tão profunda?

Ajoelhada ali, vi três tartarugas terrestres entrarem e saírem rastejando de um pequeno espaço debaixo da casa, e me apaixonei por elas, queria tê-las perto de mim, queria falar somente com elas por todos os dias do resto da minha vida. Muito depois que meu martírio acabou — resolvido de uma forma que não agradou Mãe Eunice, pois não pedi desculpas —, peguei as três tartarugas e as coloquei numa área cercada de onde não podiam sair e voltar conforme desejassem, e por isso sua existência dependia totalmente de mim. Eu lhes trazia

folhas de legumes e água em conchinhas do mar. Eu as achava lindas, os cascos cinza-escuros com bolinhas amarelas esmaecidas, os pescoços compridos, os olhos que não julgavam, a prudência vagarosa do rastejo. Mas elas se recolhiam para dentro dos cascos quando eu não queria, e quando as chamava não saíam. Para lhes ensinar uma lição, peguei um pouco de lama do leito do rio e tapei o buraquinho de onde os pescoços emergiam, e deixei que secasse. Escondi o lugar onde viviam com pedras e por muitos dias me esqueci delas. Quando voltaram à minha lembrança, fui vê-las no lugar onde as deixara. A essa altura, estavam todas mortas.

Meu pai queria que eu frequentasse a escola. Foi um pedido incomum: meninas não iam à escola, nenhuma das filhas de Mãe Eunice ia à escola. Nunca saberei o que o levou a agir assim. Só me resta imaginar que ele desejava uma coisa dessas para mim sem pensar muito, porque no fundo o que a educação poderia fazer por alguém como eu? Só posso dizer o que eu não tive; só posso mensurar isso em comparação com o que tive de fato e sofrer com a diferença. E no entanto, no entanto... foi por essa razão que vi pela primeira vez o que havia além da trilha que saía da minha casa. E me lembro tão bem da sensação do tecido da saia e da blusa — ásperas porque eram novas —, uma saia verde e uma blusa bege, um uniforme, as cores e o estilo imitando as cores e o estilo da escola de outro lugar, outro lugar bem longe; e eu tinha um par de sapatos marrons de tecido grosso e meias de algodão marrons que meu pai comprou para mim, eu não sabia onde. E mencionar que eu não sabia de onde vinham essas coisas, dizer que me perguntava sobre elas, é na verdade dizer que essa era a primeira vez que eu usava coisas como sapatos e meias, e que eles faziam meus pés doerem e incharem e a pele formar bolhas e rachar, mas era obrigada a usá-los até meus pés se acostumarem, e meus pés — meu corpo inteiro — se acostumaram. Aquela manhã era uma manhã como outra qualquer, tão comum que foi profunda: estava ensolarado em alguns lugares e não em outros, e os dois (ensolarado, nublado) ocupavam diferentes partes do céu com placidez; havia o verde das folhas, a explosão vermelha das flores dos flamboyants, o